

# MENINO-TROVÃO

Kaká Werá

## Resenha

Houve um tempo em que não havia coisa alguma em lugar algum e nada para se dizer sobre tudo aquilo que não havia. As coisas só começaram a vir à existência quando, de dentro do silêncio, ouviu-se o primeiro nome: Nhamandú, ou Grande Espírito – ser que, desprovido de corpo, inventou a palavra “infinito” para habitar. Ouviu-se então o som de um coração batendo: era Kuaracy, o primeiro sol. Kuaracy deu origem a Tupã, aquele que canta; e, de uma de suas canções, surgiu a Mãe Terra, abrigo das primeiras montanhas, nascentes e rios. Quando Tupã decidiu inventar alguém que pudesse continuar seu trabalho de criação na Terra, apareceu Nhandervuçu, o menino-trovão. Antes de tornar-se capaz de cumprir sua missão, o menino-trovão se transformou primeiro em rocha, em seguida árvore, depois em onça e, por fim, em menino de barro. Nesse processo, fez inestimáveis descobertas



Coordenação:  
Maria José Nóbrega

sobre o silêncio, o tempo, a transformação, o encontro, o amor e o medo. Quando Nhandervuçu se aproximou da Mãe Terra para dizer que já não tinha nada a aprender, descobriu surpreso que a sua hora de ensinar havia chegado.

Em uma bela narrativa de origem, inspirada em mitos da tradição tupi, Kaká Werá compartilha conosco sua releitura generosa dessa cosmogonia fundadora, com a sensibilidade de quem se debruçou profundamente sobre mistérios ancestrais. Como escreve o autor ao final do livro, “tem muita coisa que aconteceu no início do mundo que não sabemos mais”. Debruçar-se sobre narrativas de origem é, como descobriremos nessas páginas, uma maneira de resgatar não simplesmente a nossa ancestralidade indígena, não apenas a nossa conexão com as rochas, árvores, montanhas e animais – todos eles nossos parentes, como o conhecimento dos povos originários não cansa de nos lembrar – mas, sobretudo, nossa conexão conosco mesmos. Como entender o tempo, se não o pensarmos da perspectiva de uma rocha, que acompanha uma sequência infundável de nasceres e pores do sol, assistindo às transformações do ambiente ao redor? Como crescer frondosos e fortes, sem a ajuda do sol e da chuva, sem a capacidade de criar raízes que nos conectam com a terra? O que fazer diante do susto e do perigo que encontramos no olhar do outro, desse outro que é exatamente como nós? A narrativa de Kaká Werá nos presenteia com grandes perguntas (“o que existia antes da palavra ‘existir?’”) e nos invade com um misto de reconhecimento, encantamento e assombro.

## Depoimento

De Pedro Felício,  
ator, músico e pai

A história mítica do Nhandervuçu foi lida aqui em casa por mim, pelo meu filho mais velho e pela minha filha mais nova.

Essas palavras que você lê agora tentarão dar conta da relação que meus filhos estabeleceram com o livro, mas antes quero falar muito brevemente da relação que eu estabeleci com o livro. Com o mito de criação.

Fiquei muito emocionado com a leitura. Nos tempos em que vivemos, em que vemos, dia após dia, os povos originários serem abandonados pelo poder público e imensas porções da floresta brasileira sendo destruídas, ler as profundas e, ao mesmo tempo, simples aventuras do menino-trovão e da menina-das-águas-claras teve, para mim, inúmeras camadas de significados. Esse não é um livro infantil ou juvenil. É um livro que todo e qualquer cidadão ou cidadã deste país deveria ler.

Terminada essa confissão (ou desabafo, seria melhor dizer), gostaria de dedicar elogios ao trabalho de Maurício Negro. Meu filho, que no último ano teve o prazer de conversar com o ilustrador por ocasião de um evento em sua escola, ficou contente de conhecer o trabalho e orgulhoso de conhecer a história de Maurício.

Enfim, chegamos à leitura, propriamente, de *Menino-trovão*. A história é deliciosa. A fluidez das repetições – típicas das narrativas tradicionais – dá um “chão” para as crianças acompanharem o desenrolar dos fatos sem se perderem, mantendo-as atentas porque, em determinado momento da leitura, sabem que o protagonista encontrará outros Nhandejaras e se colocará no lugar deles. Aguardam atentos o aprendizado que virá com cada um dos processos de transformação do menino. Ao mesmo tempo, as pequenas surpresas e reviravoltas da narrativa aguçam a curiosidade dos pequenos, que não perdem absolutamente nada da história. Toda a potência comunicativa e educacional das narrativas populares, dos mitos ancestrais, da oralidade e das manifestações narrativas tradicionais aparece com muita presença na obra de Kaká Werá.

Após a leitura, passamos, eu e meus filhos, algum tempo conversando sobre as experiências do menino-trovão. Helena, minha pequena, ficou obcecada pela ideia de “entrar dentro” da onça, de viver como onça, de ser onça. Ficou maravilhada com o conceito de compartilhar o corpo, que não é um conceito muito próximo da nossa cultura ocidental europeizada. Essa aproximação com conceitos que estão, até agora, distantes, aliada a diversos fatores como publicação, divulgação e leitura de livros escritos por representantes diretos dos povos indígenas, configura importante

ferramenta para que as próximas gerações consigam (se não vencer) avançar na luta pela defesa da natureza, da floresta, dos povos originários, da cultura popular e tradicional e, como consequência, da sobrevivência do próprio planeta em que vivemos.

### Um pouco sobre o autor

**Kaká Werá** nasceu em 1964, em São Paulo. Filho de pais tapuias, morou próximo da aldeia guarani na região sul da cidade, onde foi acolhido e iniciou seu aprendizado de reconexão com as suas raízes. Passou, então, a desenvolver uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. É autor de vários livros, além de estar sempre envolvido em processos educativos, atuando na valorização, registro e difusão dos registros ancestrais de povos indígenas.

### Leia Mais...

#### Do mesmo autor

- ✦ *A terra dos mil povos*: História indígena do Brasil contada por um índio. São Paulo: Peirópolis.
- ✦ *As fabulosas fábulas de Iauaretê*. São Paulo: Peirópolis.

#### Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *O Karáiba*: uma história do pré-Brasil, de Daniel Munduruku. São Paulo: Melhoramentos.
- ✦ *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Peirópolis.
- ✦ *Ay kakyri tama: eu moro na cidade*, de Marcia Wayna Kambeba. São Paulo: Editora Jandaína.

